

A Leitura de Bons Livros como “Arma” de Prevenção de Conflitos

written by Sílvia Pinto | 20 de Janeiro, 2026

OCIDADÃO
Amalhamo Livros

OPINIÃO
Sílvia Pinto



Os sumérios chamavam ordenadores do Universo aos bibliotecários. Cada livro era visto como um oceano de potencialidades infinitas. Atualmente, a leitura está acossada pela competição de outras fontes de entretenimento e informação. Uma luta desigual.

As redes sociais fomentam a passividade tentadora e confortável, um letargo acolhedor. É uma miragem de atividade, mais do que uma atividade per se. A leitura não permite o scrolling, sintoma da procura inquieta da estimulação visual rápida. Ler requer a colaboração do leitor e esta não é isenta de esforço (o esforço da compreensão).

A compreensão dos mais jovens é também potenciada pelo número de leituras que fazem. Se a habilidade para ler é uma condição necessária para adquirir o gosto pela leitura e ler muito é por sua vez condição para adquirir a capacidade de compreensão, parece que estamos num beco sem saída. Como resolver? Uma resposta possível é ler para as crianças, permitir às crianças fazer a leitura de uma leitura. Quando se lê histórias a crianças facilita-se a sua compreensão quando começam a ler. E compreender é descodificar o texto, tirá-lo da sua encriptação. O prefixo ex (tão comum em verbos declarativos: explicar, exprimir, expor, expressar, explicar) significa revelar o oculto, o que estava implícito, tornar navegável o que era uma mar tempestuoso.

Segundo Platão, o objetivo da educação é ensinar a desejar o desejável. Como incentivar as crianças e os jovens à leitura?

1. Contagiá-los com os nossos próprios entusiasmos, falar com paixão sobre a leitura.
2. Os seres humanos tendem a imitar as pessoas de quem gostam: ser exemplo, ser leitor.
3. Os seres humanos tendem a repetir comportamentos premiados (essa recompensa pode consiste na própria sensação de “ser capaz de compreender”).
4. Os hábitos são grandes produtores de desejos.
5. Mudar o sistema de convicções sobre uma atividade pode incitar a realizá-la, eliminando preconceitos contra ela.
6. Aplanar os caminhos (primeiro pequenos contos).

No entanto, em casa, não raro, ouvimos “*não tenho dinheiro nem tempo para isso dos livros*”. “Que leiam na escola, andam lá a fazer o quê, a passeá-los? Ora, as bibliotecas são espaços de democratização do livro e “desde o momento em que se coloca o problema do tempo para ler, é porque não há vontade” defende,

e bem, Daniel Pennac. O livro tem de ser visto como um aliado. Não como algo de estranho, de peso insustentável. Quantas vezes, nos livros, encontramos a cartografia da nossa própria vida! Só que a leitura permite-nos “outrar-nos”, vivenciarmos empatias e constatar o resultado de escolhas sem ter de “sentir na pele” experiências duras, prescindíveis. O que não nos mata, enfraquece-nos. A injustiça, a guerra, a confusão, o caos enfraquece-nos. Os livros, ao desenvolver o espírito crítico e a imaginação empoderam-nos. A crueldade premeditada anda sempre de braço dado com as ignorâncias, sobretudo emocionais. O valor da literatura assenta principalmente na sua possibilidade de dar corpo à capacidade crítica e à imaginação, ou seja, à necessidade humana de construir imagens mutáveis do mundo e da existência para confronto e resolução de dilemas. E deve começar cedo, pois também cedo se bifurcam caminhos de decisões. Às crianças não pode ser imposto um imperativo moral (até porque a “moral” é oscilante, movediça, maquilhada). Mas é possível orientar a criança com aquilo que desejavelmente se deve identificar.

Já Bettelheim defendia a prevalência da bipolaridade simpatia/antipatia em detrimento do par dicotómico Bondade/Maldade, o que é reforçado pelo conjunto de elementos que motivam a simpatia (ou antipatia) da criança pela personagem, conjunto esse que transcende a prática de atos bondosos ou maliciosos e que inclui fatores como a aparência física, o meio em que a personagem se move e, sobretudo, a categorização que, independentemente das ações que venha a perpetrar, a personagem sofre de imediato através da sua designação (o Lobo Mau, que não é simplesmente “Lobo” – o que nas fábulas é mais associado à força bruta ou à falta de perspicácia – mas é sobretudo “Mau” revela desde logo um estigma de negatividade que nenhuma racionalização – que, naturalmente, nem sequer ocorre na criança – sobre instintos primários ou satisfação de necessidades básicas conseguiria suavizar). Repare-se que a antipatia da criança face ao Lobo Mau não carece de atribuição de culpas: ele é desde logo o

Lobo Mau (expressão cujas conotações de negatividade são reforçadas, na leitura em voz alta, por códigos extra e paralinguísticos) e a criança, sem quaisquer análises de índole moral, não quer simplesmente identificar-se com ele.

As falas do “Lobo Mau” são lidas em voz rouca, com um arregalar de olhos, numa cumplicidade entre quem lê e quem ouve, numa cooperação que faz emergir uma aliança invisível entre o leitor, a criança que ouve e o Capuchinho. E, pela imaginação, a ligação ao “eu” dá-se com a menina do Capuchinho Vermelho e não com o lobo. Veste-lhe o rosto, a criança. Per secula seculorum. Lembremos António Torrado, para quem *“Se a eternidade tivesse rosto, esse rosto seria o de uma criança”*.